

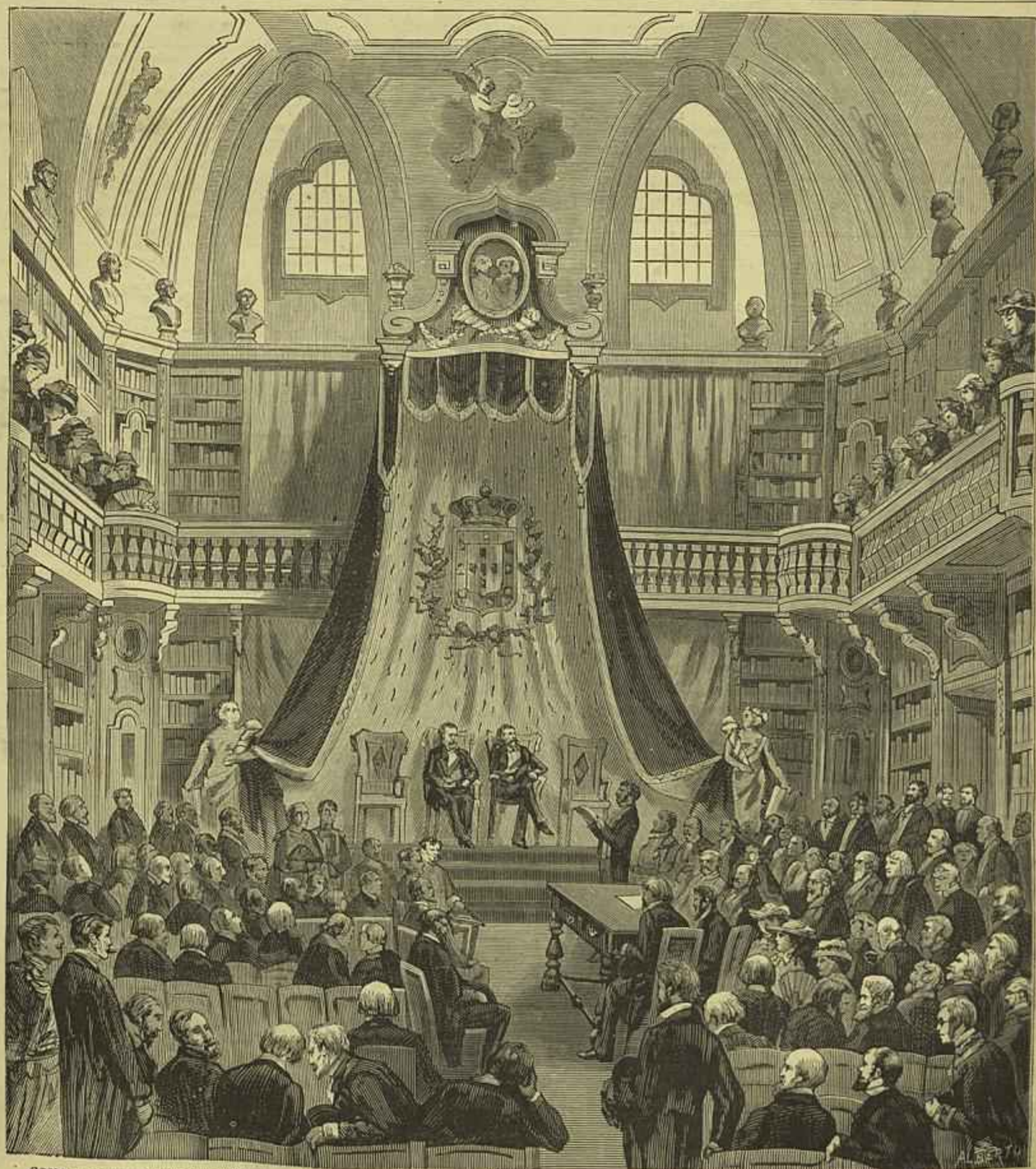
OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

3.º ANNO

15 DE OUTUBRO DE 1880

VOLUME III — N.º 68



CONGRESSOS ANTROPOLOGICO E LITTERARIO EM LISBOA — SESSAO INAUGURAL NA SALA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
EM 20 DE SETEMBRO DE 1880 (Desenho do natural por M. de Macedo)

AVISO

É correspondente d'esta empreza em Paris, M.^{me} V.^{ve} Aillaud Guillard & C.^{to} — Rue St. André des Arts, 47 — onde se recebem assignaturas para este jornal.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LORATO — Congressos anthropologico e litterario, R. — Abastecimento d'aguas em Lisboa, o Alviella, J. B. — A custodia do convento dos Jeronymos, BAITO REBELLO — Notas Soltas Fr. Francisco de Jesus Christo, JACINTHO PERES — Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas, BAITO REBELLO — De Buenos Aires a Pampa, FRANCISCO D'ALMEIDA — Bibliographia

GRAVURAS. — Congressos Anthropologico e Litterario em Lisboa Sessão Inaugural na Sala da Bibliotheca da Academia Real das Sciencias — Membros dos Congressos Anthropologico e Litterario, Quatrefages — Giovanni Capellini — Clément Sipièrre — Gustave Couteau — Abastecimento de Aguas em Lisboa, Entrada do Alviella no encanamento das aguas para Lisboa — Nascente do Alviella, vista tirada do receptaculo das aguas da Companhia — Edificações da Companhia das Aguas na Cerca dos Barbadinhos, chegada do Alviella no dia 3 do corrente — A China Carmen — O Ranquel Calomuta — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Chegou affim o Alviella! e, com a breca! se o affim não se emprega n'estes momentos solemnes quando é que se ha de empregar!

Foi uma festa brillantissima, excepcional, como excepcional era tambem o seu motivo.

Alviellas não chegam para ahí todos os dias como saccas d'assucar ou faluas carregadas de castanhas e era logico que se lhe fizesse uma recepção que sahisse dos nossos habitos, como elle coitado teve o incommodo de sahir do seu leito para vir ter connosco.

A tal recepção fez-se.

A companhia das aguas tinha-lhe preparado os seus aposentos na cerca dos Barbadinhos com todo o luxo e commodidade, e o Alviella teve a honra que só foi dada ao principe de Galles, de ser esperado no apejar-se do wagon — no caso presente um cano — pelo rei, pelo ministerio, e por todas as altas personagens do paiz.

E não foi só isto.

O Alviella teve ainda mais o prazer de encontrar á sua chegada o sr. Arcebispo de Mytelene, e a sua cõrte sacra, prazer a que poupou o principe de Galles a sua qualidade de protestante.

Era uma hora da tarde quando uma grande e estridente gyrandola de foguetes subiu para o ar, e o Alviella desceu para o reservatorio das aguas da companhia.

Deu-lhe a mão para elle saltar do seu cano, um camarista, por ordem d'el-rei, e o rio entrando no reservatorio foi logo cumprimentar o estomago do ministerio, e de alguns, poucos, espectadores curiosos d'agua, não deixando bilhetes de visita, porque lá na Louriceira, d'onde elle vem não ha Minervas, mas deixando em compensação bastante pó, que elle trazia da jornada, e que lhe dava o aspecto turvo d'agua com assucar.

O sr. arcebispo de Mytelene, esperava o rio á porta do reservatorio, e mal elle entrou, choveu-lhe um hyssopo enfiado em agua benta, processo homoeopathico que deve ter espantado muito o bom do rio, e que podia muito bem tel-o constipado, se a morosidade, já quasi legendaria, da sua viagem o não puzesse ao abrigo do mais pequeno vislumbre de suor.

Chegado e baptisado o rio, a festa continou; para muitos começou, e ninguem fez mais caso d'elle.

A cerca dos Barbadinhos apresentava um aspecto brilhante e alegre. Em frente dos re-

servatorios do Alviella erguiam-se dois elegantes pavilhões, ou um pavilhão com dois corpos, embandeirados, cheios de gente, e cheios d'ignarias.

Na cabeça do pavilhão estava a meza real, servindo tambem de cabeça, ao grande buffete armado no resto da harraca.

A meza real era mais elevada, tanto carpinteiramente como gastronomicamente falando.

Assim devia forçosamente ser dentro do organismo constitucional.

Na mesa real comia-se sentado, na outra em pé, n'aquella a dois metros do chão, n'esta a a um, n'aquella devorava-se pavão, n'esta peru.

Aqui tem a differença que nos paizes monarchicos, medeia entre a cabeça e o corpo social, a differença que medeia entre o peru e o pavão.

O lunch foi abundantissimo e delicado. A agua do Alviella parece-nos, pelo que vimos, uma agua com grandes virtudes medicinaes — abre extraordinariamente o appetite e o sr. Ferrari que o diga. O serviço foi magnifico, o que não é muito vulgar n'um buffete onde luncham mil e duzentas pessoas e já ninguem se lembrava que tinha ido ali por causa da agua, e o desrolhar do champagne imitava um combate naval muito melhor do que o sr. José Rodrigues o imitou no Passeio publico, quando de repente a agua se quiz fazer lembrada e começou a fazer a todos os convidados, o mesmo que o sr. arcebispo de Mytelene fizera ao Alviella.

Então travou-se o combate entre a agua e o champagne e não se pôde dizer, com verdade, que a agua ficasse triumphante.

— Quatro dias antes do Alviella chegar, o fogo, comprehendendo que em elle chegando não tinha outro remedio senão recolher-se a bastidores, quiz fazer as suas despedidas ao publico de Lisboa, e escolheu para isso o logar mais central da terra, o Chiado.

Effectivamente a occasião foi bem escolhida, porque o Alviella ainda cá não estava, e a pouca agua que cá havia, parece que tinha ido, como prova de boa e leal camaradagem, esperal-o ao caminho.

E o fogo andou a passear muito descansadamente duas horas por dentro do antigo hotel dos Embaixadores, e pelo hotel Gibraltar, sem que o pessoal dos incendios podesse fazer outra cousa senão apitar, o que incommodava muito mais a visinhança do que o fogo.

Ha muito tempo que em Lisboa não havia um incendio assim, mas foi d'uma hypocrisia jesuitica, este incendio e causando enormes prejuizos, occasionando um bom par de desastres, não deu espectáculo algum, e a não ser por duas ou tres janellas da casa esquerda do grande palacio dos Bracellinhos ninguem diria que houve ali um grande fogo.

Deu muito que fazer aos bombeiros, e aos seguros, esse incendio, mas não deu inteiramente nada ao pittoresco, e á rhetorica.

— Acontecem realmente no nosso paiz coisas diversas, extraordinarias. A greve dos empregados das offeinas de matança no matadouro, é uma d'essas coisas. A greve como se sabe é o fructo d'umas theorias avançadissimas, que procuram esse meio para obter a revindicação dos seus direitos collectivos. Pois sabem para que fim os empregados do matadouro lançaram mão d'esse meio, que direitos procuraram com elle reivindicar, e infelizmente reivindicaram? Para fugir á escola do ABC que o municipio lhes criou, para reivindicar os direitos á ignorancia estúpida em que tem vivido, e em que querem continuar a viver. É original, perfeitamente original, isto, mas nem pela sua originalidade deixa de ser tristemente desconsolador.

— A noticia da quinzena que pela sua importancia se pôde pôr ao par da abertura do Alviella é a abertura de S. Carlos.

Na noite de 2, na vespera da grande festa da companhia das aguas, o inverno assignalou a sua entrada em Lisboa cantando o *corro a silvarti*, um canto que estaria muito mais apropriado na bocca do Alviella. Entretanto

apesar da estação lyrica ter começado já ha quinze dias, as noites de S. Carlos não principiaram. A sr.^a Borghi-Manno, a sr.^a Vitali, já cá estão, mas o seu publico é que ainda não está e podem abrir S. Carlos quando quiserem que a verdadeira abertura será sempre no dia 31 d'outubro.

Apesar d'isso a época lá vae caminhando: começou bem pelo *Travador*, descarillou na *Africana*, que foi um *fiasco* terrivel e entrou novamente nos *rails* do triumpho com o *Fausto* que teve um exito completo.

Que siga direito o seu caminho, que não tome o exemplo dos americanos, como principiou a tomar na *Africana*, é que nós, e connosco todos os ouvidos da capital, desejamos.

— E já que fallámos de theatros, registemos na chronica o grande successo theatral da Trindade, com a primeira opera do seu novo maestro *Os Dragões de El-Rei*. O poema é velho, mas tem tanta graça, é tão divertido, tão alegre, está tão bem arranjado, que parece tão novo como a esplendida musica, alegre, facil, graciosamente ahespanholada, que para elle escreveu o maestro José Ragel, o auctor de *Rei Midas*, do *Joven Telemaco*, das *Amazonas de Termes*, deliciosas zarzuellas que rivalisam em successo e em graça, com as obras primas de Offenbach, esse rei da gargalhada o *Rossini dos Campos Elysees* como lhe chamava Auber, e que depois de ter feito rir toda a França com as suas operas, a faz hoje chorar toda com a sua morte, a unica obra triste que fez em toda a sua vida!

— Levantou-se agora no paiz uma questão importante de patriotismo e de justiça — a trasladação de Alexandre Herculano, e a erecção d'um monumento á sua memoria immortal. Alexandre Herculano foi sepultado na Azoia, um cemiterio escondido no fundo d'uma aldeia, n'um jazigo pequeno que foi emprestado pelo seu proprietario para receber o cadaver do grande homem.

Os amigos de Herculano entenderam, e entenderam muito bem, que não se devia por mais tempo deixar n'um cemiterio d'aldeia, os ossos d'aquelle que foi um dos primeiros homens do nosso seculo, e convocaram toda a imprensa do paiz, que se lhes associou immediatamente de todo o coração, para deliberar sobre a maneira de trazer o cadaver de Herculano para Lisboa, e de lhe prestar a grande homenagem que o paiz lhe deve.

Quando ha quatro annos chegou a Lisboa a noticia da morte do grande historiador, a pessoa que escreve estas linhas teve a honra de, juntamente com o sr. Pedro Corrêa, director e proprietario do *Diario Illustrado*, e o sr. Alfredo Ribeiro, redactor do *Diario Popular*, convocar todos os seus collegas da imprensa da capital, para em nome d'essa imprensa se fazer uma homenagem publica e solemne ao grande homem. Effectivamente essa homenagem fez-se em parte.

N'essa reunião de jornlistas decidiu-se que sobre o caixão de Herculano se collocasse uma corôa funebre em nome da imprensa de Lisboa, e que se nomeasse uma commissão para promover por subscrição publica a erecção d'um monumento ao emigente historiador.

A corôa foi effectivamente deposita sobre o caixão, no cemiterio da Azoia pelo sr. Elias Garcia, que fallou em nome do jornalismo da capital, e a commissão para o monumento nomeou-se. Depois a commissão seguiu o caminho fatal das nossas commissões.

Agora trata-se novamente do grande e momentoso assumpto. Não podia nem devia deixar de ser.

Era incoherente que a geração que estigmatizou tão brillantemente o procedimento dos contemporaneos do cantor dos *Lusiadas* fazendo essa grande festa, unica na nossa historia, do centenario de Camões, deixasse aos seus netos igual thema de accusações violentas e justissimas acerca de Herculano.

Não se comprehenderia de certo que a geração que andou á procura dos ossos de Vasco da Gama e de Camões, para os depositar no grandioso monumento das nossas descobertas

—o Jeronymos, deixasse os ossos de Herculano escondidos n'um cemiterio de aldeia, para legar ás gerações futuras esse trabalho, sublime para quem o faz, infamante para quem o obriga a fazer, d'um paiz andar á procura das ossadas dos seus grandes homens.

Associamo-nos de todo o coração ao pensamento e ao trabalho da nova comissão que vem promover o pagamento da grande divida de gratidão do paiz para com Herculano.

E pague-se depressa essa divida porque o paiz — para honra sua — tem ainda outras dividas sagradas a pagar. Ha ainda outro nome moderno — não fallando dos gigantes nomes antigos — a quem a patria deve um monumento triumphante em paga d'um grande monumento litterario, o nome que firma o Frei Luiz de Sousa, o nome de Almeida Garrett.

GERVASIO LOBATO.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

A SESSÃO INAUGURAL

A nossa gravura representa a sala da bibliotheca da Academia das Sciencias no dia da inauguração solemne dos congressos anthropologico e litterario.

A essas sessões assistiram el-rei D. Luiz, e el-rei D. Fernando, acompanhados por todo o ministerio, membros do corpo diplomatico, academicos, homens de letras, jornalistas, deputados, pares do reino, e grande numero de senhores.

O primeiro congresso inaugurado foi o de anthropologia, presidido pelo sr. João d'Andrade Corvo, que fez o discurso inaugural, lendo em seguida o sr. Carlos Ribeiro uma memoria sobre anthropologia, e o sr. Capellini, um relatório sobre os trabalhos do ultimo congresso.

A sessão foi á uma hora da tarde.

A's duas e meia, inaugurou-se o congresso litterario usando primeiro da palavra o sr. Mendes Leal presidente honorario da associação internacional litteraria, que cedeu o seu logar ao sr. Henri Martin eleito por aclamação presidente do congresso. Fallaram os srs. Henri Martin, o sr. Luiz Ulbach, os delegados de varios paizes, saudando Portugal e por ultimo o sr. Julio Lermira que leu o relatório dos trabalhos feitos no congresso passado.

A sessão encerrou-se ás tres horas e meia.

Na impossibilidade material de publicar em um só numero os retratos de todos os congressistas estrangeiros, o OCCIDENTE começa hoje a publicar alguns d'esses retratos, que em seguida acompanhamos de rapidas notas biographicas.

OS CONGRESSISTAS

QUATREFAGES. — Esta celebridade scientifica franceza que o congresso d'anthropologia trouxe a Lisboa, é descendente de uma antiga familia de Cevennes, chama-se João Luiz Armand de Quatrefages de Breou, e nasceu em 10 de fevereiro de 1810, em Vallerangues, departamento do Garde. Fez seus estudos classicos em Fornou (Ardeche), estudou medicina e mathematica em Strasburgo, doutorando-se nesta sciencia em 1831 e n'aquella em 1832. Em 1839 estabeleceu-se em Toulouse exercendo medicina e entregando-se a estudos profundos de sciencias naturaes. Fundou ali um jornal de medicina pratica, tomou parte activa nos congressos meridionaes e escreveu a sua primeira memoria «Mémoire sur l'embriogenie des améontes» que lhe valeu uma menção honrosa da academia das sciencias de Paris. Em 1838 foi recebido na faculdade de sciencias como doutor em sciencias naturaes. Abandonou a medicina, deu a sua demissão da faculdade de Toulouse e veio fixar residencia em Paris (1840) dedicando-se exclusivamente aos estudos de sciencias naturaes. Compreendendo que as soluções dos problemas importantes de zoologia e physiologia, só se podiam achar nos animaes inferiores, Quatrefages partiu para a beira mar e percorreu as costas de França, Hespanha e Italia, fazendo os seus estudos. Foi depois d'estes trabalhos que em 1852 foi nomeado para a secção zoologica do instituto academico de sciencias em substituição ao illustre Savigny. Durante este tempo, as academias de Paris não davam subsídio nenhum a Quatrefages e o illustre sabio teve que ganhar os meios de vida escrevendo para a *Revista dos Dois Mundos*, onde principiou a sua collaboração por uma serie de artigos, narrando as suas viagens scientificas e pondo ao alcance de todos, as theorias geraes de zoologia.

Em 1855, Quatrefages foi chamado para reger a ca-

deira de anthropologia no museu de Paris. De então para cá, o sabio professor dedicou-se a applicar ao estudo do homem, tudo que aprendera nos estudos dos animaes e dos vegetaes, recusando-se a aceitar como demonstradas todas as soluções que não fazem entrar a nossa especie nas leis geraes que regem todos os outros seres organizados, debaixo do ponto de vista physiologico. Ha mais de 25 annos que todo o ensino oral e escripto de Quatrefages obedece a este pensamento fundamental. Como vimos, o sympathico e illustre velho de que hoje damos o retrato começou a sua vida scientifica, por medico, passou depois a naturalista e por fim a anthropologo. Compreende-se facilmente os grandes subsidios que a sua educação scientifica trouxe á anthropologia. São numerosas as obras de Quatrefages. Como medico publicou no seu jornal de medicina varias memorias sobre medicina pratica, como natura lista tem um consideravel numero de memorias sobre zoologia e especialmente sobre os moluscos, os anellados e os radiados marinhos. Sobre os anellidos publicou dois grossos volumes acompanhados de um enorme atlas, desenhado pela sua propria mão. Como anthropologo não são menos numerosas e importantes as suas publicações e actualmente trabalha com o dr. Planex, n'um importante livro sobre a craneologia das diversas raças humanas. Além d'isto tem publicado uma immensidade de artigos e memorias, um relatório sobre processo da anthropologia, uma historia dos Polyneesianos e das suas emigrações e resumiu as suas theorias sobre anthropologia geral n'um só volume, a que deu o titulo de *A especie humana*, que teve seis edições em França e foi logo traduzido em inglez, italiano e allemão.

Quatrefages tem tambem uma importante obra sobre o Darwinismo intitulada *Charles Darwin et ses precurseurs français*.

Na sciencia moderna o illustre sabio francez occupa um dos primeiros logares. As suas obras tem sido traduzidas em quasi todas as linguas da Europa, o seu nome está ao lado dos mais brilhantes do mundo scientifico europen.

GIOVANNI CAPELLINI. — Secretario do congresso anthropologico. É italiano e anthropologista muito distincto e muito dedicado á sua sciencia. Director do museu de Bolonha, e professor da Academia, devem-se-lhe importantes trabalhos anthropologicos e a descoberta do homem terciario na Italia, descoberta, que alguns sabios italianos contestam vehementemente. O sr. Capellini é um homem ainda novo, e veio encarregado pelo rei Humberto de saudar o monarcha portuguez. Tomou parte activissima nas sessões e no andamento do congresso anthropologico de Lisboa.

CLÉMENT SIDIÈRE. — Membro dos congressos litterario e anthropologico — O sr. Sidière é natural de Toulouse e membro laureado de muitas sociedades scientificas francezas e estrangeiras. Nomeado pelo ministerio como addido á exposição universal de 1878 foi condecorado pelo rei de Italia e pelo Schah da Persia, pelos bons serviços prestados n'aquella missão. Dedicadissimo aos interesses da litteratura e da sciencia, que cultiva com amor, o sr. Sidière veio a Lisboa assistir aos dois congressos, delegado pela sociedade academica Hispano-portugueza de Toulouse, de que é presidente.

Clément Sidière é tambem um artista e compositor muito apreciavel, tem composições musicas muito apaludadas e veio recommendado ao governo portuguez pelos ministros de instrucção publica e dos estrangeiros, da França.

GUSTAVE COUTEAU. — Naturalista francez. Nasceu em Auxerre em 1818, e foi licenciado em direito em Paris. Depois de exercer algum tempo a advocacia, entrou na magistratura e foi nomeado juiz para a sua terra natal. Occupou-se então em estudar as sciencias naturaes e principalmente a paléontologia, e alem de muitos artigos na *Revista de Geologia* publicou importantissimos trabalhos a saber: *Echinides du departement de la Sarthe*, *Echinides connus, nouveaux ou peu connus*, *Etudes sur les echinides fossiles du departement de l'Yonne*, *Echinides fossiles des Pyrenées*, *Catalogue raisonné des echinides du departement de l'Aube*, *Rapports sur les progrès de la geologie et de la paléontologie en France*, *Monographie paléontologique et geologie du departement de l'Yonne*, *Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques, session de Stockholm*, etc.

O sr. Couteau é actualmente juiz honorario e membro da sociedade geologica da França, secretario geral do instituto das provincias, e vice-presidente da sociedade das sciencias historicas e naturaes do Yonne.

ABASTECIMENTO DE AGUAS EM LISBOA

O ALVIELLA

No dia 3 do corrente realisou-se com a devida solemnidade a inauguração da entrada das aguas do rio Alviella, no dominio do regimen biologico de Lisboa.

Dando a chronica do nosso periodico a descrição d'essa solemnidade, passaremos a historiar as peripecias d'esse grande melhoramento publico.

Quando em Portugal, depois de 1851 começou o verdadeiro desenvolvimento dos trabalhos e obras publicas, tambem chegou o desejo á camara municipal de Lisboa de tratar do abastecimento das aguas da cidade.

O augmento sempre crescente da população d'esta, e a progressiva agglomeração, que o novo desenvolvimento das relações commerciaes e industriaes, que a abertura de estradas, de caminhos de ferro e de carreiras transatlanticas necessariamente determinaram n'essa população, fez reconhecer desde logo a insufficiencia da agua, que até ahí occorria ás necessidades de Lisboa.

A providencia de D. João V, secundada pelo genio activo e talento do benemerito Manoel da Maia, tinha dotado a capital, não só de umas obras de construcção admiravel, que não invejam muitas dos romanos, mas com ellas tinham trazido á capital, mananciaes copiosos, abundantes para o seu tempo, e ainda muito sufficientes para as necessidades das gerações de quasi um seculo.

Reconhecida porém a sua exiguidade para as necessidades modernas, criou-se por 1855 a *Companhia das Aguas*.

Encetou esta desde logo trabalhos de pesquisas, de estudos, mas não sabemos que mau fado a perseguiu, ou que falta de tacto a dirigiu, que os engenheiros se succediam uns aos outros, deixando quasi todos o serviço da companhia, pouco satisfeitos d'ella, tendo-a allás servido muitos individuos, cujos nomes se fizeram distinctos no paiz.

Questões internas de administração, de regimen, de direcção fizeram com que o governo rescindisse o primitivo contracto, e celebrasse um segundo a 27 de abril de 1867, approved por carta de lei de 2 de julho seguinte, sendo considerada definitivamente constituída a companhia por Decreto de 2 de abril de 1868.

Apenas organizada, começou a nova companhia a tratar sem perda de tempo das suas obrigações, contrahidas para com o estado e o publico.

A companhia organisara-se com o capital de 5:000 contos de réis, elevado posteriormente a 7:000 e foram seus fundadores os srs. Visconde de Porto Covo do Bandeira, Francisco da Silva Mello Soares de Freitas, Visconde dos Oliveaes, Carlos Zeferino Pinto Coelho, Possidónio Augusto Possolo Picaluga, e Sebastião José d'Abreu. O ministro que sancionou o contracto e approved a organização da companhia foi o mallogrado e honrado Sebastião do Canto e Castro.

Começando a nova companhia por continuar e completar as obras começadas pela companhia extinta, reconheceu em breve que toda a agua aproveitada para o abastecimento de Lisboa, ainda era insufficiente, e que urgia recorrer a outras nascentes.

Convidado o habil hydrogeologo francez Richard que havia feito importantes trabalhos d'este genero em França, Argel, Alemanha e Russia, fez elle uma inspecção aos arredores de Lisboa até Ota, Alemquer, e Serra de Mindo.

Resolveu-se aproveitar as aguas do Alviella, não só pela sua qualidade, superior a quasi toda a agua dos aqueductos de Lisboa, mas porque a cota da sua nascente acima do nível do mar, 54,°33, permitia com facilidade fazer chegar a todos os pontos de Lisboa. Pensou-se tambem em introduzir no canal do Alviella as aguas do Ota, de que depois se prescindiu, por se julgarem sufficientes as d'aquelle rio.

MEMBROS DOS CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO (LISBOA 1880)

Nasce o rio Alviella no sitio da Louriceira, por baixo de uma penedia crespa e ouriçada de arvores, arbustos e tropadeiras, como mostra a nossa gravura de pg. 169 a 5 kilometros pouco mais ou menos de Pernes, 2 dos Amiaes e 3 de Alcanena.

Vê-se bolhar da penedia a agua como em cachões ferventes, formando os chamados *olhos d'agua*, que no verão se desatam brandamente, e no inverno gorgitam impetuosos, deixando ouvir ao longe o fragor da corrente. Desdobra a sua corrente por entre campos que fertilisa, formando algumas cascatas ou quedas d'agua,



GIOVANNI CAPELLINI

das quaes a mais importante a chamada de Pernes proximo a esta villa, despenhando-se o rio da altura de 14 metros com um ruído estrondoso. É esta uma das cascatas mais bellas e notaveis do nosso paiz.

Para o aproveitamento das aguas d'este rio fizeram-se dois traçados um chamado o *alto* porque seguindo a meia encosta pelos Amiaes vinha entrar em Lisboa no Arco do Cego, e outro o *baixo* que foi o adoptado, o qual seguindo a margem direita do Alviella, passa em Pernes, atravessa a estrada d'esta villa a Santarem, passa em Valle de Lobos, paul d'Asseca, Almoester, Alcoentricho, valle d'Ameixoei-



QUATREFAGES



GUSTAVE COUTEAU

ra, Otta, Alemquer, Villa Franca, Alhandra, Povoas, atravessa por meio de um syphão o rio de Sacaven, seguindo aos Olivaes, Chelas, Xabregas, vindo a entrar na cidade pelo valle de Lazaro Leitão lançando-se no grande reservatorio estabelecido na antiga cerea dos Barbadinhos, na calçada do mesmo nome, com a cota de 31,66 acima do nivel do mar.

O traçado chamado *alto* media 103:831,88 e o adoptado mede 114:050. É como se vê a algum tanto mais extenso, mas tem condições mais favoraveis, pelo que foi approved pelo governo.



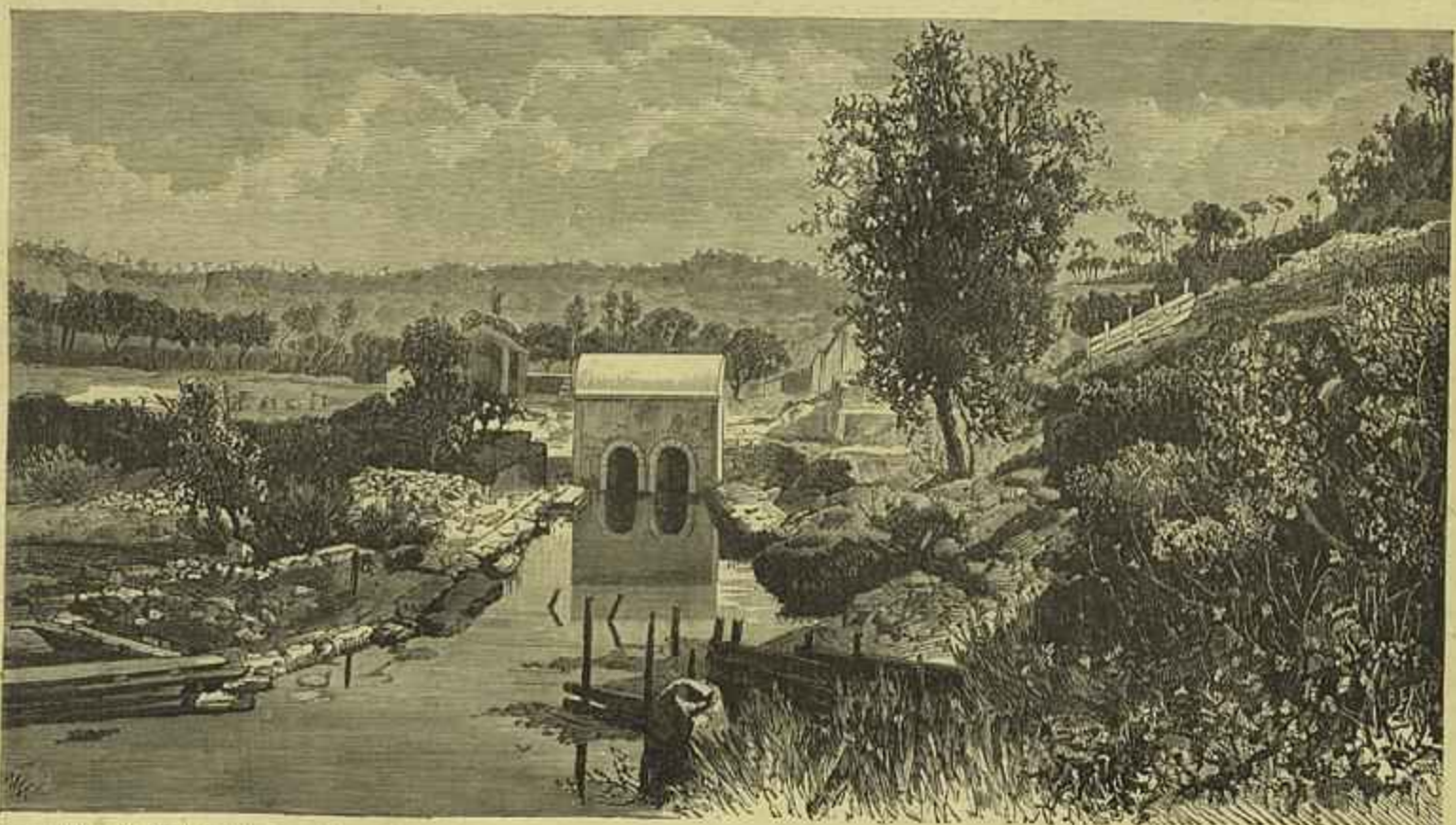
CLÉMENT SIPIÈRE

Para maior facilidade da construcção dividu-se o trabalho em cinco secções. A 1.ª tinha principio nas nascentes do Alviella e terminava em Valle de Lobos. A 2.ª começava aqui e terminava no Alcoentricho. A 3.ª d'este ponto até Alemquer. A 4.ª desde Alemquer até á Verdelha. A 5.ª Começava na Verdelha e concluía no reservatorio dos Barbadinhos. A extensão de cada uma regulava de 21:000 metros a 24:000.

Importou o orçamento de toda esta obra colossal em 3.264:415\$200 réis.

(Continua)

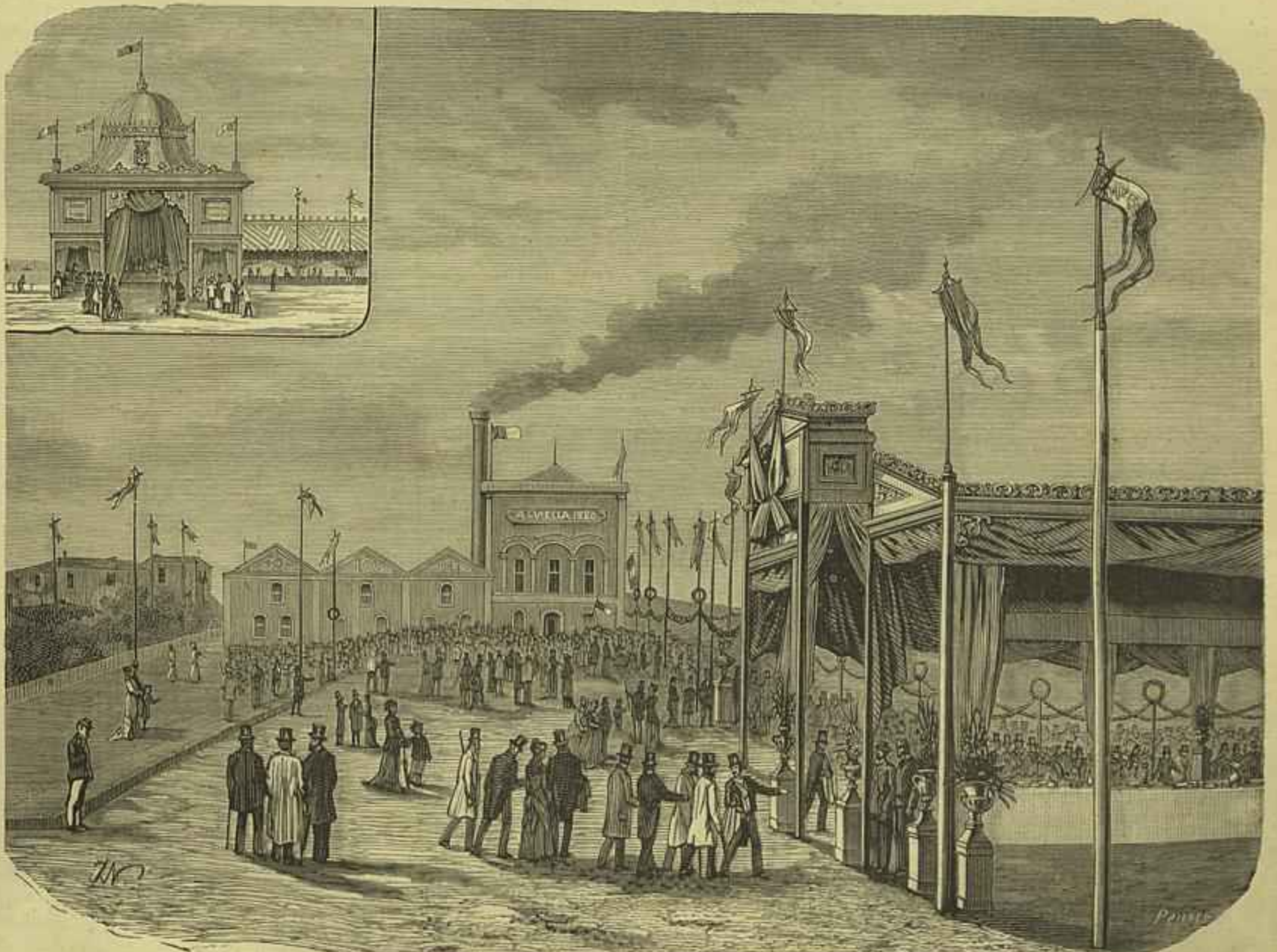
J. B.



ABASTECIMENTO D'AGUAS EM LISBOA — ENTRADA DO ALVIELLA NO ENCANAMENTO DAS AGUAS PARA LISBOA (Segundo uma photographia d Camacho),



NASCENTE DO ALVIELLA, VISTA TIRADA DO RECEPACULO DAS AGUAS DA COMPANHIA (Segundo uma photographia de Camacho)



EDIFICAÇÕES DA COMPANHIA DAS AGUAS NA CERCA DOS BARBADINHOS — CHEGADA DO ALVIELLA NO DIA 3 DO CORRENTE
(Desenho do natural por Isaias Newton)

A CUSTODIA DO CONVENTO DOS JERONYMOS

III

GIL VICENTE, OURIVES, E GIL VICENTE, POETA

b) *Requeredor das cizas geraes de Santarem.*

O sr. Theophilo Braga julgou que tambem se entendia com o poeta ou ourives Gil Vicente a seguinte verba que encontrou na Torre do Tombo, em um dos livros de chancellaria de D. João II, e que publicou no lugar citado da Revista o *Positivismo*.

D. João & Item outra tal de *Gil Vicente*, morador em a dita villa de Santarem, porque o damos em a dita villa por requeredor das nossas sizas & dada em Evora a 13 dias de maio, pelo dito Martim Vaz. João Lopes a fez anno de 1482. — *Liv. 6.º de D. João II fl. 54.*

Esta forma de registos usava-se quando se seguiam varias cartas de natureza semelhante, e corresponde ao que hoje se usa em casos analogos nos registos officiaes disendo-se — *identica a respeito de F. . .*

Em vista d'isto era preciso recorrer á primeira carta anteriormente registada e que o tivesse sido na sua integra, para conhecer o alcance d'aquelle — *Item outra tal &*. Se ao meu amigo lhe tivesse occorrido esta lembrança, teria encontrado a tal carta na mesma pagina, e n'ella, acabada a nomeação para o cargo, a clausula seguinte *como elle até qui foi por carta del-rei meu senhor e padre &*, a qual necessariamente se devia applicar a *Gil Vicente*; e quando houvesse ainda alguma duvida, subindo ao alto da pagina leria — *Caderno dos registos das confirmações d'el-rei nosso senhor começado na sua cidade decora 17 dias do mez de maio anno de 1482; d'aqui se vê que este Gil Vicente já era requeredor das cizas de Santarem em tempo de D. Affonso V.*

Recorrendo pois á chancellaria d'este monarcha, achamos a seguinte carta:

Dom afonso & A quantos esta carta virem fazemos saber que nos queremos fazer graça e merceo a *gill vicente* morador em esta nossa villa de santarem Temos por bem e damos por requeredor da nosa siza jeral da dita villa asy e pella guisa que o era fernam vaaz que o dito officio tinha per nosa carta e o nom serue ja segundo pertence a nosa serviço por quanto oune hum taballadego em maça em que he acupado. E porem mandamos e & o quall jourou em a nosa chancellaria & dada em santarem a xxix (29) dias de março El Rey o mandou per dom fernando de crasto do seu conselho e veador da sua fazenda gonçalo cardoso a fez anno de nosa Senhor Jhu x.º de mill e liije lxiij. (1462). — *Liv. 1.º de D. Affonso V fl. 21.*

Era pois *Gil Vicente*, morador em Santarem, requeredor das cizas geraes d'esta villa desde 1462, ou oito annos provavelmente antes do nascimento do poeta do mesmo nome.

Ora de 1462 a 1536 ultima data conhecida da vida de *Gil Vicente*, poeta, vão 74 annos, com mais 25 que o agraciado teria, pelo menos, á data de mercè, temos para a idade d'aquelle, se fosse o requeredor das cizas, 99 a 100 annos em 1536, o que nenhuma hypothese nos deixa admittir.

Parece-nos porém que o *requeredor das cizas Gil Vicente*, deve ter falecido no principio do reinado de D. Manuel, por isso que este monarcha por carta de 23 de julho de 1500. (*Liv. 12 da chanc. de D. Manuel fl. 38*) nomeou *Fernandannes* morador em Santarem *requeredor das cizas geraes da dita villa, asy pela guisa que o era até aqui João Lopes que tinha o officio por nosa carta e o renunciou em nossas mãos*. Como se não encontra nos registos a carta de João Lopes, a qual só podia ter sido dada depois de 25 de outubro de 1495, em que D. João II falleceu, suppondo que João Lopes succederia a *Gil Vicente*, não é muito arriscada a nossa hypothese.

Em todo o caso o que fica demonstrado é que o *requeredor das cizas geraes de Santarem Gil Vicente* não era o poeta *Gil Vicente*, nem

tão pouco o ourives d'este nome, cujas ultimas noticias authenticas são de 1517.

c) *Mestre da carpinteria das obras de Santarem.*

Publica o sr. Theophilo Braga no fasciculo citado duas cartas d'el-rei D. Manuel, e as julga relativas ao ourives ou poeta *Gil Vicente*. A primeira de 2 de dezembro de 1496, confirmando uma de D. João II de 4 de julho de 1486, que nomeava *Gil Vicente mestre da nossa carpinteria de Santarem* tambem para mestre da carpinteria da villa e paços d'Almeirim; a segunda de 3 do mesmo dezembro, confirmando outra de D. João II de 12 de outubro de 1486, de privilegio ao mestre de carpinteria de Santarem *Gil Vicente*, isentando-o de varios serviços e encargos, o que era muito vulgar conceder-se por aquelle tempo, e como veremos não foi concessão nova.

Admira como o meu amigo e patricio, tão conhecedor dos usos e costumes da idade media, alguns dos quaes ainda chegaram ao nosso seculo, não reparasse que a organização das corporações dos mestres, não permittia que nenhum official mechanico de uma corporação podesse ser mestre em outra.

Eram as corporações muito zelosas e ciosas dos seus privilegios e autonomia, e quando a alguma era preciso, por qualquer conveniencia fazer junção com outra, fazia-o sempre com a corporação com quem andava mais em contacto no trabalho.

Um exemplo e sem sair do assumpto e da terra.

Havia em Santarem desde 1370 a capella ou irmandade dos carpinteiros, especie de montepio de então. Perdera o seu compromisso na mão de um escrivão, e em 1496 organizaram aquelles o novo, que foi approved no primeiro de setembro. Dois annos depois, vendo que os encargos eram muitos e os rendimentos limitados, propozeram uma modificação, acrescentando um artigo ao compromisso, no qual permittiam a entrada na confraria aos pedreiros que o quizessem, dando como razão — *porquanto é um officio que andam sempre juntamente uns com os outros*. — addicionamento que foi approved em 3 de setembro de 1498 (*Tombo das cap. de Santarem fl. 122*).

Assim não seria de admirar que um mestre pedreiro, ou carpinteiro dirigisse as obras de alvenaria e carpinteria, mas fôra tão insensato um ourives vir dirigir-as, como um carpinteiro ir dirigir as de ourivesaria.

Pondo porém isso de parte, pela primeira das citadas cartas se reconhece que *Gil Vicente* já era mestre da carpinteria de Santarem antes da data d'ella (4 de julho de 1486).

Recorrendo pois aos registos da chancellaria de D. João II e depois aos de D. Affonso V encontramos a seguinte carta.

Dom afonso & A quantos esta carta virem fazemos saber que nos tomamos ora por mestre da nossa carpinteria em a nossa villa de Santarem *gill vicente* carpinteiro morador em a dita villa e queremos que daquy em diante nom pague em nenhuns nossos pedidos peitas fintaes talhas nem emprestidos que per nos nem per os comelhos sam ou forem lançados per qualquer guissa que o sejam nem via com presos nem com diaheirs nem seja titor nem curador de nenhuas pessoas nem seja posto por besteiro do conto nem tenha cavallo nem armas nem beasta de garrucha nem de polle nem outra cousa alguã posto que para ello aja contia nem pareça em alardo nem seja costrangido para outros nenhuns nem seruidoces nossos nem dos ditos comelhos nem aja nenhuns officios contra sua vontade nem pague jugada nem oytano nem vaa servir aa guerra per mar nem per terra a nenhuas partes que seja salvo com nosco ou com o principe meu filho. Outro sy queremos que nom pourem com elle em suas casas de morada alegas nem caualaricas nem lhe tomem seu pan vinho roupa palha lenha galinhas nem gados nem bestas de sella nem d'albarda nem outra cousa alguã do seu contra sua vontade E porem mandamos a todollos nossos corregedores juizes e justicias e ao nosso condell mor e apousentador e do dito principe meu filho e a outros quacquer officiaes e pessoas que esto ounerem de veer que njom o dito *gill vicente* por casuado e releuado das sobreditas cousas e o nom costrangam para nenhuã

dellas e lhe comprem e guardem e façam bem compri e guardar em todo esta nossa carta asy e pella guissa que em ella he contheudo e lhe nom vam nem consentam hiir contra ella em maneira alguma porque asy he nosa merceo e huns e outros all nom façades dada em a dita villa de santarem xxbiij (28) dias de novembro lopo fernandez a fez anno de nosa senhor Jhu xpo de mil liij Lxx annos. (1470). — *Liv. 16 de D. Affonso V fl. 57. v.º*

Esta carta tem a data do anno em que provavelmente nasceu o poeta *Gil Vicente*, e portanto não nos demoraremos com reflexões sobre ella, pois sendo claro que ninguem podia chegar a mestre de officio senão depois dos 30 ou 40 annos, caso o mais favoravel, vê-se que este mestre carpinteiro não poderia ter em 1500 menos de 60 a 70 annos.

Como, apesar do enfado de ter que manusear, mais de 50 ou 60 dos colossaes livros das chancellarias regias, procurámos vêr não só tudo o que n'elles se encontra de *Gil Vicente* mas o que pôde ter relação com os cargos em que este nome apparece, podémos encontrar o documento que abaixo se segue, que tira todas as duvidas que se podessem sugerir a este respeito:

Dom manuell & a quantos esta nossa carta virem fazemos saber que confyando nos do *Joham gomez* carpinteiro morador em a nossa villa de santarem que ho fara bem como a nosso serviço compre querendolhe fazer graça e merceo temos por bem e o damos ora daquy em diante por mestre da nossa carpintarya da dita villa asy e pella maneira que o atopy foy *gill vicente* que o dito officio tinha e se ora fynou com o quall officio queremos que haja de mantimento em cada hum ano hum moyo de trigo e porem mandamos ao nosso contador em a dita villa e veador das nossas obras della e quacquer outros nossos officiaes e pessoas a que esta nossa carta for mostrada e o conhecimento della pertencer que o metam logo em posse do dito officio e lho deixem servir e vasar delle e auer o dito mantimento o proes e precalcos e interesses a elle hordenado sem duida nem hemlargo algum que lhe a ello ponham porque asy he nosa merceo o quall *Joham gomez* jurou em a nossa chancellaria aos ssantos avanjelhos que bem e verdadeiramente e como deus obre e vsse do dito officio guardando a nos nosso serui o as partes seu direito dada em lixboa a liij (5) dias de fevreiro gaspar roiz a fez anno de nosso Senhor Jhu xº de mill e quynhentos e isso em quanto nosa merceo for. — *Liv. 14.º de D. Manuel fl. 89.*

Por conseguinte tendo o mestre carpinteiro *Gil Vicente* fallecido no principio do anno de 1500, não só se confirma a hypothese que aventámos quanto á idade que elle poderia ter n'este anno, mas evidentemente se prova que não podia ser nem o poeta, ou ourives do mesmo nome, de um dos quaes temos noticias até 1536 e do outro até 1517.

(Continua).

BRITO REBELLO.

NOTAS SOLTAS

FR. FRANCISCO DE JESUS CHRISTO

III

Não sabemos as peripecias da viagem. Ignoramos se algum dos muitos corsarios francezes que infestavam e infamavam os mares desde os Açores até Guiné e Brazil, tendo como mais glorioso ou proveitoso, roubar o producto do trabalho do que entregarem-se a um trabalho honesto e util, os encontraram, lhe deram caça e foram por elles enxotados: sabemos porém que chegou a S. Thiago-de Cabo Verde, são e salvo.

O que fez de principio ignoramol-o. Consta porém que passados alguns mezes recebia Maria de Abreu uma carta na qual seu filho entre muitas expressões de affecto e ternura, dizia que estava muito bem e em casa da senhora capitã da Ilha, que o tratava como filho, e que se a fortuna o ajudasse esperava socorrer sua mãe.

Eram porém passados 7 ou 8 mezes depois da partida de Francisco de Leão, quando um dia logo depois do escurecer sentiu Maria de Abreu bater á porta. Deu-lhe o coração uma pancada, foi abrir, e um moço um pouco extenuado lançou-se-lhe nos braços. Maria de Abreu não viu o rosto do mancebo, mas o instinto maternal fel-a immediatamente reconhecer o filho, e apertou-o junto ao peito.

Houve um alvoroço e reboliço em casa. Os pequenos correram a abraçar o irmão, e aquella noite foi uma noite de alegria.

Passado o primeiro instante viu porém sua mãe que o filho, ainda que bem vestido, com traje elegante, vinha magro e falto de côr, apesar de um pouco affrontado do caminho e da commoção experimentada ao entrar na casa materna.

Socegado e tranquilizado tudo, começou a cêa, que n'este dia durou duas ou tres largas horas. Adicionou-se-lhe um pouco de doce de conserva que Francisco trazia e com que os irmãos muito folgaram, e bons goles de vinho de uma borrhacha, que enchera ao passar na venda da Falula. Durante ella contou á familia o começo da sua iliada.

Descripta a viagem, e as incertezas dos primeiros dias em S. Thiago, a impressão que lhe causou não vêr senão negros, e muito poucos brancos, referiu que sabendo que a capitão, que era ainda moça, pela idade de sua mãe e caritativa, se lhe fôra apresentar pedindo protecção. Prestou-lh'a ella, e em tão boa hora, que dentro em pouco Francisco de Leão governava os pretos, dirigia os negocios da casa e administrava tudo de modo que D. Maria não via outra cousa senão elle.

Apresentava-o e tratava-o como seu parente, e como tal era havido em casa e fóra.

D. Maria de Rojas era mulher de João Corrêa de Sousa, capitão de S. Thiago que se achava, havia alguns annos no reino preso, onde falleceu passado tempo no Limoeiro. Tinha dois filhos ainda pequenos. Deixamos ao juizo de cada um supôr o que quizer das relações de D. Maria com o seu novo e joven administrador e felter, conhecendo o genio aventureiro, vivo e desenvolvido d'este e o modo como a capitão o tratava e apresentava. Nós nada aventuramos.

Tanta ventura porém foi interrompida. Francisco de Abreu adoeceu de febres e tão teimosas e prejudiciaes foram, que D. Maria, temendo pela vida d'elle resolveu mandal-o para o reino afim de se tratar. Entregou-o ao cuidado de um fidalgo do Algarve João Pessanha, que o trouxe em sua companhia como seu parente.

Quando chegou vinha já quasi restabelecido. E além d'isso bem provido de roupa, conservas e outras coisas, e acompanhado de uma bolsa recheada de quarenta ou cincoenta coroas.

Esperaria a capitão a sua volta? não sabemos.

Depois de estar um ou dois mezes em Lisboa, já completamente restabelecido, aborreceu-lhe a vida da cidade. Vestiu-se em trages de ermitão e communicou a sua mãe e irmãos que intentava ir a Roma e Jerusalem.

Esta resolução não desagradou tanto á familia. É verdade que choraram e lamentaram o seu genio andejo e erradio, mas obtida licença, abraçada a familia, recebida a benção e novos conselhos da mãe, partiu em busca de novas aventuras.

(Continua)

JACINTHO PERES.

Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas

FESTAS ANTERIORES

(Continuando do n.º 64)

Decorreram alguns meses até que pelo meiado de janeiro de 1526, chegaram as

necessarias dispensas em devida forma. Logo a 20 d'esse mez se tornaram a celebrar os desposorios na mesma forma dos primeiros.

Imediatamente se deu ordem para a partida da imperatriz infanta, saindo de Almeirim no penultimo de janeiro. Foi fazendo a jornada muito pausada e socegradamente, acompanhando-a el-rei ainda até a Chamusca.

A 13 de fevereiro chegou a Elvas, onde se aposentou. Iam em companhia da imperatriz, e encarregados de a entregarem na raia, seus irmãos os infantes D. Luiz e D. Fernando, e o marquez de Villa Real que a havia de acompanhar na qualidade de embaixador. O fausto do marquez no atavio de sua pessoa, no numero e trajos de criados de cavallo e de pé que formavam a sua comitiva, era soberbo.

Quarenta azemolas ricamente ajazeadas cobertas de magnificas tepegarias com a divisa — *aleo* — da casa do marquez, a sua cama com reposteiro de velludo carmesim com enfeites de tella de ouro, e vinte e quatro moços da camara a cavallo constituíam um sequito brilhante. N'este aparato e com o acompanhamento de fidalgos e nobres que seguiam os infantes, saiu a imperatriz de Elvas na manhã de 14 de fevereiro sem umas andas de brocado descobertas, cercadas de oito moços da estribeira, vestidos de jaquetas de brocado e calças de gran e outros oito de calças brancas e jaquetas de velludo negro e tres pagens vestidos de tella de ouro.

Diante iam o rei de armas Portugal e o Arauto Lisboa. Sobre roupas de velludo forradas de setim leonado levavam as suas cotas de armas. Seguiam-nos quatro porteiros com maças de prata dourada e o aposentador mór que levava as taboas para quando a infanta imperatriz houvesse de montar a cavallo. Para esse effeito ia a destro uma mula que levava umas andilhas de prata com guarnições de tella de prata sobre velludo roxo, e teliz de velludo carmezim, e uma faca pomba com guarnições de tella de prata, fundo de brocado de peilo com guarnições de ouro e teliz de velludo amarello.

Aos lados das andas iam á gínetta os dois infantes vestidos em saios e capuzes de contraí frizado, mas levando na cabeça barretes pretos redondos, em signal do lucto que ainda se guardava pela rainha D. Leonor.

Chegado o prestito á ribeira do Caia, pararam do lado de cá os portuguezes, e de lá os castelhanos, praticando-se pouco mais ou menos, mas em sentido inverso, o que se passára um anno antes com a entrega da rainha D. Catharina.

O concurso do povo era immenso, e por isso foi necessário abrir uma grande praça, para que a fidalguia hespanhola e portugueza tivesse logar para praticar as ceremonias e etiquetas devidas.

A comitiva do duque de Bejar compunha-se de oito trombetas, cinco charamellas, vestidos de roupas vermelhas barradas de velludo preto, as mangas esquerdas entretalhadas de preto, com uns A. A. bordados nos peitos e costas; todos muito bem montados. As bandeiras que ornavam os instrumentos eram de damasco branco bordado de chaparia de prata e n'ellas as armas do duque. Este, que cavalgava um gínete castanho bem guarnecido de jaez largo, com sella lavrada de flo de ouro, vestia saio de setim preto, capuz de contraí frizado barrado de velludo preto.

A comitiva do arcebispo de Toledo era composta de doze trombetas, seis charamellas e tres mulas com tymbales. Vestiam todos roupas vermelhas barradas de velludo verde, as mangas esquerdas bordadas de verde e atorciladas de amarello; as bandeiras dos instrumentos eram de damasco carmezim franjadas d'ouro com suas armas bordadas. Eram seguidos por umas andas de velludo preto cercadas de vinte e quatro lacaios, vestidos de calças e jaquetas de gran, com suas gorras sem guarnição; cinco mulas a destro, duas guarnecidas de velludo carmezim, uma de roxo, outra de leonado, e outra de preto. O arcebispo vestia roupas de carmezim forradas de martas, bar-

rete vermelho e a mula guarnecida de carmezim.

O duque de Calabria, que havia de receber a infanta, trazendo á sua direita o arcebispo, e á esquerda o duque de Bejar e acompanhado por um lustroso e numeroso sequito, vestia uma roupa de setim preto forrado de martas, saio de velludo preto, barrete de volta de panno e montava uma mula guarnecida de preto.

Passada a ponte, todos se apearam e beijaram a mão á imperatriz infanta, e ultimamente vieram o duque de Bejar, o arcebispo e o duque de Calabria, aos quaes todos a princeza fez muita honra e galardado, mas mais particularmente ao duque de Calabria.

Mostrados os poderes que cada um trazia, fez o infante D. Luiz entrega de sua irmã ao duque de Calabria, passando este a occupar junto d'ella o logar d'aquelle, tomando o arcebispo o do infante D. Fernando e os mais acompanhando por sua ordem de um e de outro lado.

Despedidos os infantes, seguiu a comitiva real, entre aclamações do innumero povo, até Badajoz, acompanhada pelo marquez de Villa Real, embaixador de D. João III e de outros gentis-homens.

Ali foi recebida a nova imperatriz debaixo do pallio. A cidade estava armada e adornada de varios arcos triumphaes. Ao dia seguinte houve touros, cannas, justas e os mais divertimentos proprios da época. D'aquí seguiu a imperatriz para Sevilha, onde se recebeu definitivamente, sendo a despeza de toda a jornada por conta d'el-rei seu irmão.

As margens do Caia, que havia um anno exactamente, em igual dia e á mesma hora haviam presenciado uma grande festividade real, a recepção da rainha D. Catharina, presenciaram agora cobertas das galas e louçanias dos bons povos limitrophes, eguaes e maiores festas e pompas, expandindo-se a sua alegria em todos os signaes de regosijo.

Quem poderia prever o negro fructo que esse tão festejado consorcio traria a Portugal! Quem poderia predizer que havia de atravessar a mesma fronteira, passados cincoenta annos, o filho d'essa princeza, para vir escravisar a patria de sua gentil e virtuosa mãe!

(Continua).

BRITO REBELLO.

DE BUENOS AIRES Á PAMPA

POR CORDOBA

(Continuação)

O aspecto grave dos monumentos e a solidéz das construcções, dão a Córdoba um certo character de magestade que falla ao coração do viajante de uma passada grandeza, de um antigo esplendor, de uma tradição, de alguma coisa que deve de ter o seu romance e a sua historia.

Os edificios mais notaveis são a cathedral, de architectura arabe, o collegio de Monserrat, construido pela companhia de Jesus e occupado actualmente pela Escola Nacional, e a Universidade.

— Esta casa, fundada em 1666 por Trejos, y consagrada á la enseñanza del derecho y la teología, ha sido la cuna de los mas notables ingenios de nuestro país.

— El ruido de los pasos parece despertar en el fondo de sus claustros los ecos de los pasados disertantes. Se cree escuchar la voz de los que, obedeciendo á un sistema escolastico desterrado hoy de las universidades, defraudaban la nacion de sus luces, malgastándolas en interminables sabatinas.

— Pero en medio de esas voces, destempladas por el calor del ergotismo, se percibe algo que nos dice que aqui residia la única ciencia que la colonia poseia; que aqui jermínaron

las semillas de cuyos frutos nos envanece los espigadores del presente.

— Mira! disse-me Behety, quando nos achavamos no pateo principal da universidade.

— O que é? perguntei, olhando para o ponto indicado.

— Un intersticio que comunicaba con el entresuelo del primer piso de los claustros, y por el cual pasaban los estudiantes revoltosos para ir a buscar refugio en la vecina iglesia de la Compañia.

— O que sei dizer-lhes, meus amigos, observei eu quando nos aprestavamos para seguir *Tierra Adentro*, é que não acho esta cidade tão má, tão falta de vida, como m'a pintavam.

— Ya lo creo! acudiu Santiago Estrada. Córdoba esperaba dormitando la hora de despertar, como la aguardan hoy, sentadas a la sombra de la muerte, algunas de sus hermanas. Córdoba está llamada a ser lo que de sus tradiciones debe esperarse en orden al progreso moral y material; el segundo pueblo de la República.

Os preparativos para a travessa da Pampa, a mui pouco se reduzem. Nas excursões por aquelles vastos plainos, o essencial são os cavallos. Indo-se bem montado, tem-se tudo; porque nunca faltam *vichos* que bolear, abestruzes, gamos, guanacos, gatos montezes, ou peludos ou mulitas ou pichos ou matacos que caçar.

Isto é ter tudo, andando-se pelos campos — ter que comer.

Não obstante, fizeram-se preparativos mais *formales*. Cobo e Santiago entenderam que não nos deviamos pôr a caminho sem *arreglar*

uma carga de charqui, sal, assucar, yerba e café, e outra de *regalos*, porque, observavam elles, — no hay en este mundo subllunar demonios mas pedigueños que los Indios.

— Y agua? lembrou Balleteo.

— Es verdad! Y agua? caballero! gritou Gutierrez.

— Por supuesto, compañeros, acudiu Cobo, que un par de buenos chifles no ha de faltarle a ninguno que quiera tener paz conmigo.

E com razão, a agua costuma escassear na Pampa, e não ha nada que mais desalente e desmoralise do que a sede. Vive-se muito tempo sem comer. O caso mais recente é o do doutor Tanner, que, affirmam-n'o os periodicos dos dois mundos, resistiu a mais rigorosa abstinencia durante quarenta dias. Eu mesmo, já aguentei, com uma paciencia verdadeiramente evangelica, um jejum natural de quarenta e oito horas. Mas, resistiria alguém quarenta e oito horas sem beber? Nem trinta e seis!

— Yo no he podido estar sino treinta y dos, disse Cobo. Nuestros paisanos, los acostumbrados a cierto jénero de vida, tienen al respecto una resistencia pasmosa. Verdad que, qué fatiga no resisten ellos! Sufren todas las intemperies, lo mismo el sol que la lluvia, el calor que el frio, sin que jamás se les oiga una murmuracion, una queja. Cuando mas tristes parecen, entonan un airecito cualquiera.

— Somos una raza privilegiada, amigo, gritou Gutierrez, sana y sólida, susceptible de todas las enseñanzas útiles y de todos los

progresos adaptables a nuestro jénero y a nuestra indole.

— Ya lo creo! disse eu.

— Y sobre este tópic, Almeida, continuou Gutierrez com toda a seriedade, mis opiniones han cambiado mucho, desde la época en que discutia con los sabios de Europa la unidad de la especie humana y la fatalidad histórica de las razas. Yo creia entonces, que los pueblos greco latinos no habian venido al mundo para practicar la libertad y enseñarla, con sus instituciones, su literatura y sus progresos en las ciencias y en las artes, sino para batallar perpetuamente por ella.

— Muy bien! señor Mefistoteles, exclamou Balleteo. Pero yo no estoy condenado a oír perpetuamente este picaro!

— Y si mal no recuerdo, proseguí Gutierrez, dando una palmada nas costas de Balleteo, citaba a la noble España luchando desde el

presbytero Filipe Nery Thomé Castano do Rosario e Sousa etc. etc. Nova-Goa, Typographia da Cruz... 1879. 4.º de vi — 296 — 23 pag.

Esta importante e curiosa colleção de documentos e noticias da instrução publica na India portugueza, desde a epocha da conquista da capital pelo grande Affonso d'Albuquerque até aos nossos dias, vem preencher uma grande lacuna nos Annaes das nossas possessões ultramarinas.

É muito natural que, apesar de toda a consciencia com que está architectada a parte historica d'este interessante trabalho, haja lacunas e faltas, que a relativa escassez dos documentos anteriores a 1601, data onde começam os 62 vol. d'elles recolhidos da India á Torre do Tombo, fariam determinar.

Da publicação d'estes, das cartas de Affonso d'Albuquerque e de outros monumentos importantes d'aquella epocha, que ainda jazem ineditos em diferentes archivos, poderão talvez colher-se alguns subdícios que venham por ventura completar aquelle prestadio trabalho.

É elle já por si um tributo valiosissimo para a historia da instrução em Portugal e seus domínios, que honra o seu auctor, e cuja oferta agradecemos.

A MULHER, SUA INFANCIA, EDUCAÇÃO E INFLUENCIA NA SOCIEDADE... por D. C. Sanches de Frias — *Pará Tavares Cardoso & C.ª Editores, Livraria Universal, 1880 — 4.º de pag.*

É um interessante estudo que acompanha a mulher desde o seu nascimento até ao ultimo periodo da sua existencia, merece ser lido por quantos consideram a mulher, especialmente a mãe de familia, como a base de toda a educação. Completa o volume a critica litteraria do drama *Os Lazaristas* de Antonio Ennes, publicada em artigos na *Provincia do Pará* jornal d'aquella localidade, em que o auctor revela os seus conhecimentos litterarios. Agradecemos.

ESBOÇO BIOGRAPHICO DO COMMENDADOR RAFAEL ASCOLY, natural de Lisboa por *Domingos Maria Gonçalves* — Rio de Janeiro, typ. Central, de Evaristo Rodrigues da Costa — 22 Rua do Ouvidor MDCCCLXXX. — 8.º gr. de viii — 40 pag.

Este folheto nitidamente impresso e acompanhado do retrato em photographia do biographado, contém a noticia das ações d'um nosso compatriota de extracção ingleza e que tem prestado muitos serviços ao Brazil e aos seus patricios. Agradecemos.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:
Quem guarda acha.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1880, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6



A CHINA CARMEN



O RANQUEL CAIOMUTA

(Vidê artigo de Buenos Aires á Pampa)

tiempo de los Romanos por ser libre de la dominacion estrangeira unas veces, por darse instituciones libres otras.

— Yo tambien pienso hoy de distinta manera, adveiu Santiago Estrada, sorrindo.

— Yo tambien, disse Behety. Creo en la unidad de la especie humana, en la crasisima ignorancia y calaverismo de Gutierrez y en la influencia de los malos gobiernos.

— Nos aguardan nuestros fieles rosinantes, amigos míos, observou Santiago Estrada.

— La politica, señores, continuou Behety, como se não tivera ouvido a observação de Estrada, cria y modifica insensiblemente las costumbres, es un resorte poderoso de las acciones de los hombres, prepara y consuma las grandes revoluciones que levantan el edificio con cimientos perdurables ó lo minan por su base. Las fuerzas morales dominan constantemente las físicas, y dan la explicacion y la clave de los fenómenos sociales.

— Punto en las filosofias, gritou Cobo. A camino, compañeros, que ya es tarde!

(Continúa)

FRANCISCO D'ALMEIDA.

BIBLIOGRAPHIA

Os *LUSIADAS*, edição *Emílio Biot*, Porto 1880. Recebemos e agradecemos o 2.º fasciculo d'esta magnifica edição.

NOTICIA HISTORICA E LEGISLAÇÃO DA INSTRUÇÃO PUBLICA PRIMARIA E SECUNDARIA NA INDIA PORTUGUEZA, pelo